

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 559	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	I DE JULHO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



SADI CARNOT, PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA, ASSASSINADO EM LYON, NO DIA 24 DE JUNHO DE 1894

(Cópia de uma photographia de Mr. Ladrey)



CHRONICA OCCIDENTAL

Entre as nossas duas chronicas, a de hoje e a de ha dez dias, um grande e horroroso acontecimento abalou toda a Europa, consternou todo o mundo civilisado, enchendo de indignação, de surpresa, de dôr, todas as classes, todas as sociedades, todas as nações todos os partidos — o assassinio do sr. Sadi Carnot.

O presidente da Republica Franceza, que no dia 23 de junho partira de Paris para Lyon, para assistir á inauguração da grande exposição industrial, foi ali assassinado no dia 24 ás 9 e um quarto da noite, quando, ao sahir do banquete official no Hotel de-Ville, se dirigia, no seu *landau*, aclamado pela multidão, para o Grande Theatro onde havia recita de gala em sua honra.

O sr. Carnot acabára de pronunciar no banquete um longo e bem elaborado discurso que fora entusiasticamente victoriado, e entrara para o seu *landau* acompanhado pelo general Borius e pelo sr. Rivaud, prefeito de Lyon e pelo maire; quando a carruagem ia a meio da rua da Republica, um rapaz imberbe, atarracado, vestido com um fato ordinario, cõr de café com leite, saltou de repente para o estribo do *landau*, tendo na mão um papel e um ramo de flõres.

Imaginando que era uma petição, o sr. Carnot estendeu a mão para a receber, e n'esse momento o assassino deu-lhe um profundo golpe sobre o figado, com um punhal que ia traçoeramente envolto no papel que simulava ser um requerimento.

A carruagem parou logo, o presidente da Republica, sem proferir uma palavra fez-se livido e cahiu sobre o fuado do *landau*, ao passo que o prefeito, o sr. Rivaud, que ia ao seu lado, se erguia rapidamente e atrava ao assassino um socco que o fez cahir no meio da calçada.

O presidente da Republica Franceza estava ferido mortalmente. Levado sem sentidos para o quarto onde dormira na vespera, os medicos procederam logo ao exame e desbridamento da ferida.

Durante esta operação, que foi muito dolorosa, o presidente da Republica voltou a si para dizer: — *Oh! mon Dieu, que je souffre. Cela n'en finira donc pas? Mon Dieu! que je souffre. Est ce fini?*

Os medicos reconheceram logo, aterrados, a gravidade da ferida, que interessára todo o figado, furando-o de lado a lado.

Entretanto a hemorragia que mais assustava os medicos, as maiores sumidades de Lyon, parou ás 10 horas da noite e isto fez nascer certas esperanças; mas ás 11 horas voltou mais abundante, mais alarmante e á meia noite e 45 minutos o sr. Carnot exhalou o seu ultimo suspiro, depois de ter recebido a extrema unção ministrada pelo arcebispo de Lyon.

Pela consternação e indignação profunda que causou este cobarde assassino em toda a parte é facil de comprehender o alarme e a indignação que produziria em Lyon, precisamente no momento em que toda a população acclamava entusiasticamente o presidente da Republica, em que elle era o alvo de todas as attentões, de todas as ovações, de todas as sympathias.

Os couraceiros tiveram um trabalho enorme para proteger o assassino contra os furores da multidão que queria fazer justiça por suas mãos. Levado para o posto da rua Moliere, algemado immediatamente e immediatamente interrogado, tudo que se pode saber d'elle foi que vivia em Cete ha seis mezes, que chegára n'essa manhã a Lyon, tinha 22 annos d'idade, e que era moço de padeiro, que se chamava Cesario Giovanni Santo e era italiano.

Apenas entre o povo constou que o assassino de Carnot era italiano, a multidão sequiosa de vingança, cega de furor, invadiu todos os estabelecimentos de italianos que ha em Lyon, quebrou e saqueou tudo, e foi preciso a policia e a força armada intervir energicamente para salvar os subditos italianos das represalias, que, no seu furor, a população queria tirar d'elles como se elles podessem ser responsáveis pelo odioso crime do seu compatriota.

A esposa do presidente da Republica prevenida telegraphicamente do terrivel acontecimento, partiu immediatamente de Paris para Lyon.

Por um d'esses mysteriosos presentimentos, que não se explicam, madame Carnot nunca virá com bons olhos a viagem de seu marido a Lyon e tentára debalde dessuadil-o d'ella.

O presidente da Republica padecia muito do figado e faz precisamente um anno tivera um ataque bastante grave.

Fôra no dia de junho do anno passado em que o sr. Carnot, no momento em que se preparava para partir para a Bretanha, tivera um ataque violento de figado, que o obrigou a recolher-se ao leito.

Apesar d'isso teimou em ir a Longchamps au Grand Prix, o que o fez peiorar muito e obrigou os seus medicos os srs. Brouardel, Potain, e Planchon a prohibirem-lhe toda a sorte de trabalho.

Durante tres dias o estado do sr. Carnot foi muito grave, e entrado em convalescência no dia 2 de julho, foi por conselho dos medicos para Marly.

A recordação d'essa doença, que muito assustou então, preocupava muito madame Carnot, e tanto, que ás occultas de seu marido, a estremosa esposa, quando elle partiu para Lyon, escreveu ao maire d'esta cidade uma carta muito tocante em que lhe dizia:

— «Sr. maire; o sr. é medico e por isso permita-me que lhe recomende meu marido, que no anno passado esteve muito incommodado por causa das fadigas das viagens. Peço-lhe o favor de velar por elle, de não deixar que elle ande muito, de não consentir que elle esteja mais de duas horas em pé, por dia, o maximo, etc.»

Pelos extremos de cuidado carinhoso que ha n'esta carta, avalia-se bem a amizade e ternura enorme que a illustre senhora dedicava a seu marido e a dôr lancinante que lhe deve ter causado o terrivel acontecimento.

A noticia do assassinio do presidente da Republica Franceza, causou profunda consternação em todo o mundo e de todas as partes tem affluído ao Elyseu, á inconsolavel madame Carnot, telegrammas, cartas, e manifestações de pesar pela sua grande dôr, de indignação e protesto pelo repugnante crime de que seu marido foi victima.

Em Lisboa a noticia constou logo na segunda feira, 25, pela manhã mas ao principio muita gente não lhe deu credito, imaginando-a uma *fumisterie* qualquer de gracejador de mau gosto, o que não é raro, uma galga inventada para alguma negociata de fundos, o que raro também não é.

Entretanto era tal a gravidade da noticia, que muitas pessoas, embora a puzessem de quarentena correram á legação franceza sobresaltadas, a certificarem se da sua authenticidade.

Na legação não havia telegramma algum a esse respeito, não constava absolutamente nada officialmente, e essa ausencia de noticias, mais verosimil tornava a hypothese de mystificação, quando de repente constou que El Rei e o governo tinham recebido telegrammas officiaes com a assombrosa e dolorosa noticia e na legação franceza se apresentara o sr. conde de Villa Nova da Cerveira a apresentar ao ministro da França os pesames de El Rei D. Carlos pela terrivel catastrophe.

A consternação em Lisboa foi geral, e o odioso attentado e a perda enorme que a França soffreu foram durante muitos dias o assumpto de todas as conversações.

Ninguém fallava n'outra coisa e toda a gente deplorou a morte de Carnot, porque apesar de entre nós pouquissimas pessoas o conhecerem pessoalmente, toda a gente conhecia a honestidade do seu character a honradez inquebrantavel, a correccção lealissima, a seriedade, a dignidade nunca desmentida com que elle exercia o eminente cargo que a França lhe confiara.

Sadi Carnot ia completar no dia 11 d'agosto proximo os seus 57 annos.

Foi o quarto presidente da actual republica franceza, o 1.º foi Thiers, o 2.º Mac-Mahon, o 3.º Julio Grevy.

Eleito por 616 votos em 1887, n'uma occasião em que a prezidencia era disputada calorosamente pela politica partidaria, escolhido com um grande bom senso como bandeira de paz entre os diversos grupos militantes, que disputavam o poder, como uma garantia de imparcialidade, de seriedade e serenidade na administração suprema do governo da Republica, Carnot correspondeu completamente á confiança que n'elle depositavam e foi um chefe d'estado modelo.

O cadaver do illustre presidente da Republica foi transportado de Lyon para Paris onde no dia em que esta chronica sae a lume lhe será feito o enterro sumptuoso, enterro em que se fará repre-

sentar El Rei D. Carlos e todos os monarchas da Europa.

Rei morto rei posto, dizia o velho dictado. Amodernando-o para a occasião pode-se dizer, Presidente da Republica morto, Presidente da Republica posto.

Sadi Carnot exhalou o ultimo suspiro no domingo pouco depois da meia noite e na quarta feira seguinte reuniram-se em Versailles o Congresso para eleger o novo presidente da Republica.

Os candidatos á cadeira presidencial da França, em quem já ha muito tempo se fallava, pois no proximo anno acabava o mandato de Carnot, eram Casimir Perier, Brisson, Charles Dupuy, o actual presidente do conselho de ministros, Challamel Lacour, o presidente do senado, Constans, Fevrier, e Arago, o candidato dos socialistas.

Casimir Perier foi o eleito pelo Congresso, por 451 votos sendo depois d'elle o mais votado o sr. Brisson, que alcançou 185 votos.

A eleição de Casimir Perier para presidente da Republica foi geralmente bem recebida pela França.

O novo presidente é novo ainda, conta apenas 47 annos: foi ainda ha pouco presidente do Conselho de ministros, e apesar de ser um homem novo é um politico velho, pois pode-se dizer que lhe nasceram os dentes na politica, é dotado de uma grande energia, d'uma intelligencia brilhante e o seu nome tem grande auctoridade e prestigio na França, auctoridade e prestigio que augmentaram consideravelmente pela maneira como elle deixou cahir o ministerio a que presidia, em 22 de maio ultimo.

Além de todas as suas altas qualidades de politico Casimiro Perier é um character honradissimo, d'uma probidade que todos conhecem, um trabalhador infatigavel e um verdadeiro patriota.

E tudo isto garante á honrada herança de Carnot um digno successor.

Que assim seja!

Regressou a Lisboa na vespera de S. Pedro Sua Magestade a rainha a sr.ª D. Amelia, que perto d'um mez esteve em S. Pedro do Sul fazendo uso das aguas, como aqui dissemos.

Sua Magestade tirou grande proveito d'essas aguas e vem penhoradissima com a maneira entusiastica como foi tratada em S. Pedro do Sul.

Os povos de S. Pedro e de Viseu, que tiveram a honra de ver de perto a augusta soberana ficaram-na adorando e a despedida da rainha foi comovimente.

Aquella gente toda, pobres e ricos, nobres e povo, chorava ao despedir-se da Rainha D. Amelia, como se se despedisse d'uma pessoa de familia das mais estremecidas e adoradas.

Sua Magestade muito commovida também com aquella homenagem tão sincera e tão merecida, prometteu voltar para o anno e trouxe consigo para Lisboa um rapasito de S. Pedro do Sul, que acompanhava todos os dias o principe Real á pesca das rãs e a quem o pequenino principe se affeiçoára muito.

El-Rei D. Carlos foi a S. Pedro do Sul buscar S. M. a Rainha. Em Lisboa projectava-se á illustre e adorada rainha dos portuguezes uma recepção brilhante, mas suas magestades mostraram desejos de que se não fizesse festa alguma á sua chegada, em homenagem ao lucto que cobre a França pela morte de Sadi Carnot, de Sadi Carnot que tão gentilmente mostrou a sua sympathia a Portugal e á familia real Portugueza, por occasião do fallecimento de El-Rei D. Luiz.

E a respeito de viagens dos reis de Portugal desmente-se a noticia da sua proxima viagem ao Porto.

O que parece certo é que suas magestades El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia irão em breve para Cintra passar uns mezes na sua magnifica e pittoresca residencia da Peninha, e que depois, em meados de Setembro, irão visitar a cidade de Portalegre, onde se começa já a pensar nas grandes festas com que ali será commemorada a visita dos augustos soberanos e que no regresso de Portalegre, irão passar o mez de outubro para Cascaes, como é costume.

Sua Magestade a Rainha a sr.ª D. Maria Pia parece que tenciona em breve ir para as Caldas, fazer uso das aguas na companhia de seu filho o sr. infante D. Affonso.

Gervasio Lobato.

CARNOT

O facto assombroso que vem de alarmar o mundo civilisado não é, a nosso ver, mais do que a consequencia natural do que para ahí se faz todos os dias.

De ha muito que a forma violenta como se teem transformado as sociedades e as nações, por meio de revoluções, e não pela evolução orientada, produz acontecimentos que são verdadeiras surpresas para quem lhe não queira ver a origem.

O assassinato do chefe da nação franceza é mais uma prova d'essa raiva concentrada do oprimido sem razão, da victima sem motivo.

Carnot foi apunhalado, tendo o assassino, Giovanni Santo, um ramo de flores! Na mão direita, à dextra, um punhal; na esquerda, a sinistra, um ramo de flores.

Singular irrisão!...

Nasceu Carnot em Limoges a 11 de agosto de 1827 e chamava-se Francisco Maria Sadi Carnot.

Em 1857 entrava na Escola Polytechnica de Paris; em 1860, classificado como primeiro, foi estudar o curso de pontes e calçadas que em 1863 terminou brilhantemente; n'este mesmo anno é nomeado adjunto e, seguidamente, director das obras publicas de Annecy, onde esteve até 1870, anno em que estallou a tremenda guerra entre a Allemanha e a França. Por decreto de 10 de janeiro de 1871, o governo da Defeza Nacional, nomeia-o governador do districto do Senna Interior, encarregando-o especialmente das obras de defeza, não só n'este como nos districtos do Eure e Calvados.

Reconhecidos os seus serviços pelo governo e pela nação, é Carnot eleito deputado à camara legislativa por 41:711 votos, no circulo da Côte d'Or.

Entrando na camara, esta elege-o, por seu turno, segundo secretario.

Sendo da mesma opinião do fallecido Thiers, accitou a forma republicana, visto ser a que, então, menos dividia os francezes.

Sempre coherente, votou, em 24 de maio de 1873, pela conservação de Adolpho Thiers no primeiro cargo da republica.

De 1876 a 1877, novamente eleito deputado, é encarregado do relatório e orçamento das obras publicas da França.

Foi sub-secretario de estado dos ministros Freycinet e Varroy, logar que deixou, pela demissão do ministerio em 1881. Dois annos depois é escolhido para presidente da commissão do orçamento, e pouco depois para vice-presidente da camara dos deputados. Em 7 de abril de 1885 é ministro das obras publicas e, ainda no mesmo anno, toma conta da pasta da fazenda que conservou até 1886. Pouco antes de ser ministro, o povo francez elegeu-o deputado por 55 833 votos. Finalmente, a 2 de dezembro de 1887 é eleito presidente da republica.

Foi Carnot um homem muito serio, e a esta qualidade deveu principalmente a estima e consideração da nação franceza.

Ao contrario de Ferry que não queria Deus nas escolas, Carnot era bom catholico; e do grande Leão XIII, o maior e o mais sabio de todos os soberanos do mundo, recebeu inequivocas provas de amizade.

Porque foi então que, sendo Carnot um homem bom no sentido mais lato da palavra, o assassinaram de modo tão brutal tão selvatico?

Na sociedade dominam hoje duas potencias enormes.

A Fé Christã e o Egoismo.

No meio, desvairada, uma multidão atheista, enumeravel, sem lé, sem familia, sem credo, indo de roldão bater no egoismo que a suffoca, que a explora, que a trucidada. E quando de esta avalanche se desagrega algum bloco vai este fatalmente ferir um bom, porque a miseria, a raiva, a fome nunca propenderam a formar bons caracteres.

Carnot foi assassinado, porque na França baniram Deus das escolas e na Italia o Papa é guardado à vista como se fosse um criminoso. Propaguem a Fé Christã e voltaremos aos tempos antigos e bons, a essa idade de ouro em que os filhos se não envergonhavam de beijar a mão aos paes, nem de se descobrirem perante o padre.

Sem Fé não ha lei, Sem lei não ha familia, não ha nação.

Povo sem pastor, não é rebanho; é alcateia de lobos, é quadrilha de canibaes.

Fechem as egrejas, desmoralisem tambem o padre, obrigando o a comprar votos e a ser habil em tricas eleitoraes, e verã, em pouco tempo, o mundo transformado em mansão colossal de doídos furiosos que inconscientemente se apunhalam uns aos outros.

Sem Religião não ha Patria, sem chefe não ha obediencia, nem deveres; não voltem atraz, não emendem a mão e... cada um de nossos filhos será a breve trecho um Giovanni Santo.

Não foi Carnot que morreu. A Religião ha muito que é apunhalada, tocou a vez ao Egoismo.

Continuem, desprezando a Fé, não cumprindo lei nenhuma e verã como chegam depressa ao diluvio que, no seu egoismo, pensam não os alcançar.

E d'esta vez o diluvio não vem do Ceu, não pôde haver Arca, porque d'esta vez é de sangue.

Não foi Carnot que morreu...

Manoel Barradas.



AS NOSSAS GRAVURAS

Quarta Exposição do Gremio Artistico

UMA FRAGATA

Quadro do sr. conde de Almedina

Cumprindo a promessa feita em o n.º 556, continuamos hoje a publicação das gravuras de quadros que figuraram na ultima exposição do Gremio Artistico.

É do sr. conde de Almedina o quadro, *Uma fragata*, que hoje reproduzimos em gravura, e dos quatorze quadros que este distincto amator expoz, é um dos melhores, tanto pela fidelidade com que o barco está desenhado, como pelo bello effeito que tem de aguas e de ar.

Este quadro podia ser assignado pelo seu professor o sr. J. Vaz, que não deslustrava o mestre.

O GUADALQUIVIR

O Guadalquivir é um dos maiores rios da Peninsula que atravessa parte da Hespanha e vem sahir no Oceano Atlantico. O seu nome de origem arabe *guad* ou *Quad*-al-Kibir exprime grande rio.

Nasce o Guadalquivir na serra de Cazorla, em Murcia, e banha Andujar, Cordova, Sevilha e Sam Lucar de Barrameda. Na sua margem direita recebe as aguas do Guadalmar, de que são afluentes Guadarmenar e Guadalon, Campana, Guadamelato, Guadabarbon, Guadiato e Biar; e na margem esquerda recebe o Guadiana Menor, Guadalentino, Jaen, Guadajoz, Xenil e Carbones até entrar no Oceano Atlantico.

No seu percurso o Guadalquivir forma duas grandes ilhas denominadas Ilha Mator e Ilha Menor.

Como quasi todos os rios da Peninsula, as suas margens são formosissimas, onde a vegetação se ostenta vigorosamente, apresentando formosas paisagens, como a que a nossa gravura, copia de uma photographia, mostra.

A exposição de bellas artes no Atheneu Commercial do Porto

(Concluido do n.º 558)

De todos os quadros expostos por Marques Guimarães, o mais notavel é sem duvida o retrato, em meio corpo, do sr. Antonio da Silva Pereira Magalhães. Esse retrato de uma grande similhaça, tem além de muita vida, uma caracterisação individual admiravel. Apenas notamos que o resto representa um tom levemente empoeirado, não obstante isso, o retrato, pelas suas qualidades de desenho e pelo modo como estão interpretadas as roupas, constitue um dos melhores trabalhos do distincto artista.

O outro retrato do sr. Manuel Joaquim de Lima, está igualmente semelhante e bem pintado, mas o seu valor, como obra d'arte, é muito inferior ao do sr. Pereira Magalhães.

Marques Guimarães tem alguns quadros de pequena importancia, dos quaes assignalaremos as paisagens que se intitulam: *Poente*, e *Manhã*, e que possuem algumas qualidades apreciaveis de cor e de desenho.

Os seus quadros de fiores e de frescos, extremam-se muito pouco.

Julio Costa, foi este anno de uma infelicidade extrema.

O seu quadro, *No vago*, representando uma rapariga da aldeia, encostada a uma barreira, ou o quer que seja, nada tem porque se recomende.

Querendo apresentar uma physionomia trigueira, deu-nos um typo escuro de africana. Depois, nem attitude, nem perspectiva, nem nada. O quadro é smaneirado, lambido e desgracioso, tendo o aspecto de uma oleographia. Dir se hia que o artista tirára uma photographia do modelo, e que imitára depois de cor, ao sabor da sua phantasia.

A *Cabeça de estudo* representando o busto do mesmo modelo, não é trabalho muito mais feliz. Melhor do que tudo isso é a pequena cabeça de mulher velha, muito expressiva e de bom colorido.

Jayme Verde, expõe uma collecção de paisagens, das quaes notaremos: o *Crepusculo*, muito agradável pelos seus effeitos de cor, quer no firmamento, quer na agua que banha uma parte do quadro; *Tarde de outomno*, de uma interpretação muito exacta, na cor local e no aspecto d'aquelle pedaço de costa portugueza; *Melancolia*, paisagem de uma tonalidade sombria, mas impressionavel e *Uma rua de Maestrot*, interessante.

Antonio Baeta, tem varios quadros n'esta exposição e entre elles, *Claustro no convento das Albertas*, um bonito quadro, de bello effeito; *Cabeça de Velho*, bem desenhada, expressiva e de uma cor natural; *Praia das Fontainhas*, tambem rasoavel, mas extremamente detalhada.

São muito agradaveis de aspecto as tres marinhas enviadas por Pedro Guilherme dos Santos Diniz. Em todas ellas ha alegria de cor, excellente extensão de mar, boa tonalidade das aguas e movimento nas embarcações.

Antonio Candido da Cunha, apresenta varios estudos em que parece ter procurado conhecer principalmente os effeitos de cor, cahindo por isso em anomalias e erros de visão flagrantes.

Assim, por exemplo, expõe um *Poente*, que é uma verdadeira phantasia sobre motivos do azul, do vermelho e da cor de laranja; *Fim da Tarde*, experiencias sobre o amarello; *Ao entardecer*, uma pequena paisagem com uma violentissima mancha sanguinea no horizonte, etc., etc.

Temos porém, do mesmo artista, *Margens do Leça*, um pedaço de natureza, interpretado com amor; *Um quinteiro em Nevogilde*, tentativa feliz; e o retrato do pintor A. C. T. Junior, que tem qualidades apreciaveis de modelação e de colorido.

De Ezequiel Pereira, vimos uma *Impressão*, mancha escura que não deixa de ter certo interesse e uma *Paizagem*, que se recommenda pelo bom ar, destacando-se ao fundo um pequeno grupo.

José de Almeida e Silva, um artista de muita habilidade, parece ter perdido a justeza da visão nas serranias proximas de Vizeu, onde vive.

O seu grande quadro *Canção Pastoril*, muito minucioso e muito detalhado nas mais pequenas cousas, é de um desenho pobre e de um colorido desolador. Querendo dar-nos uma impressão do ar livre, o artista appresenta nos uma paisagem cor de barro, com céu, carneiros, pastores, vegetação, tudo d'essa mesma tonalidade. Triste, triste.

Dos outros trabalhos que enviou, apresentaremos como o melhor, sem duvida, a *Paizagem de Inverno*, um aspecto de neve, interessante. *Ribeiro de S. Thago*, *Noite de luar*, e o *Retrato do auctor*, são tambem trabalhos regulares.

Alfredo Torquato Pinheiro, apresenta uma grande collecção de pequenas paisagens, entre as quaes ha trabalhos muito apreciaveis, como por exemplo *Caminho no Regado*, bem pintado; *Em passeio a Avintes*, um gracioso *bijou*, no qual põe uma nota alegre e interessante, o colorido garrido dos dois personagens que se destacam ao fundo da paisagem; *Campo no Regado*, etc.

Hormenegildo Pereira Simões tem uma pequenina paisagem *Ponte dos Corvos* muito alegre e pintada com acerto.

De Adolpho Rodrigues notaremos as duas rapariguinhas sentadas na praia quadro que o auctor intitulou *Esperando o peixe* que não deixa de ter certo merecimento, pelo bom ar da paisagem e pelo modo como as figuras estão pintadas. A *Paisagem Alemtejana* é regular e outro tanto diremos da cabeça caracteristica da *Mulher de Estarreja*.

QUARTA EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

Quem se destaca pela pretensão e pelo disparate é Antonio Ribeiro, que está estudando em Paris. O seu quadro *Mediant* é simplesmente horrroso como desenho e como colorido.

Os *Petits pêcheurs*, esses então fazem rir. Imagine-se um pedaço de paisagem muito verde, com um céu e um bocado de rio cor de rosa!

Será novo genero de impressionismo, de que o auctor pretenda fazer escola?

Albino Barboza exhibe entre os seus diversos trabalhos uma bonita paisagem tendo ainda um ou outro quadro com qualidades apreciaveis.

Antonio Conceição Silva expõe quatro quadros, dos quaes destacaremos *No Tejo*, pintado com certa felicidade e *Manhã*, uma mancha um tanto confusa, mas que não deixa de ser agradável.

Os melhores quadros de flores expostos este anno, são os da sr.^a D. Alice Grillo.

O que tem por titulo *Flores e fructus*, é magnifico de frescura e naturalidade. O quadro é composto com rosas, morangos e um ananaz. Bellissimo de cor, interpretação justa e artistica, esta tela seduz e encanta pelo modo magistral como está pintada.

Canto de jardim, *Canto de atelier* e *Amores perfectos*, são igualmente de valor, pela delicadeza da pincelada, harmonia de cor e frescura das flores.

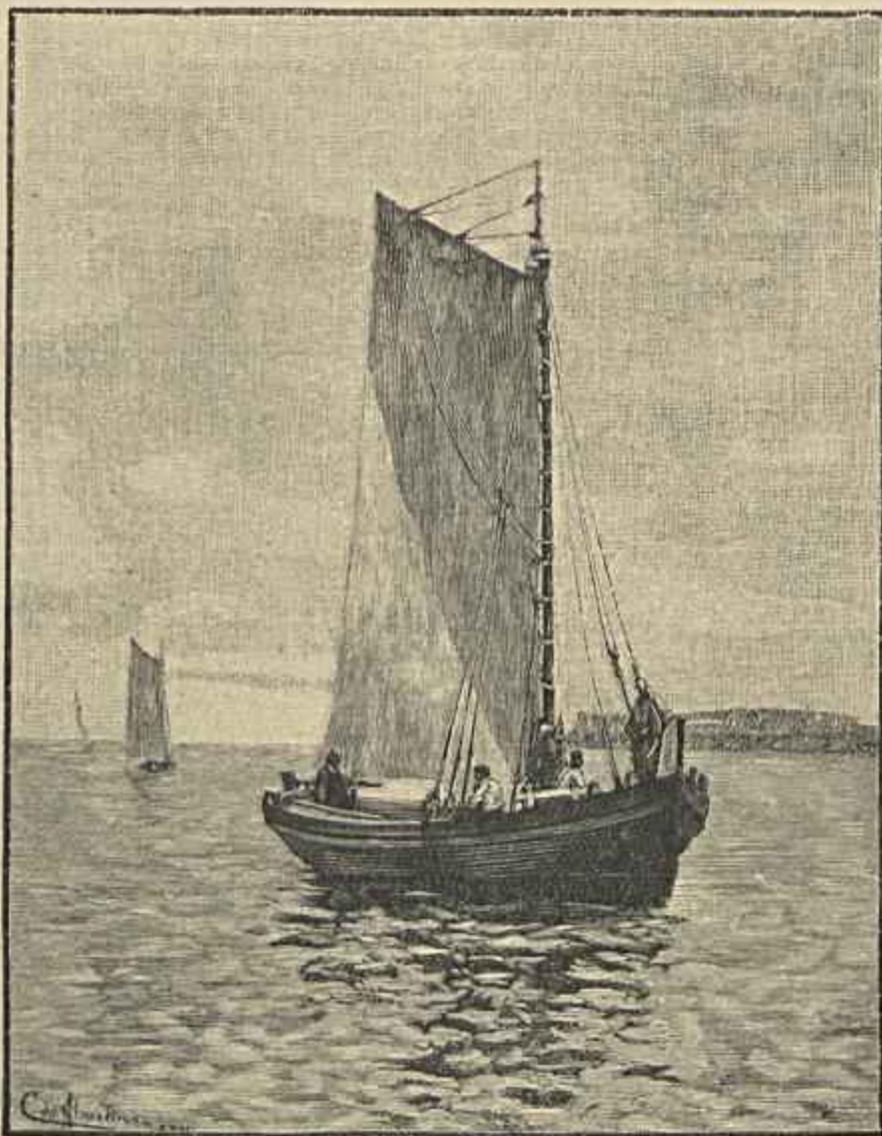
Segue-se a sr.^a D. Josepha Garcia Greno, que expõe tambem dois quadros de flores muito apreciaveis. *Rosas e esporas* é o melhor. Comtudo desejariamos mais suavidade nos toques, mais ener-

gia no colorido, emfim mais alegria e vivacidade n'elles ambos.

O seu quadro *Morgens do Agueda*, não é desagradavel.

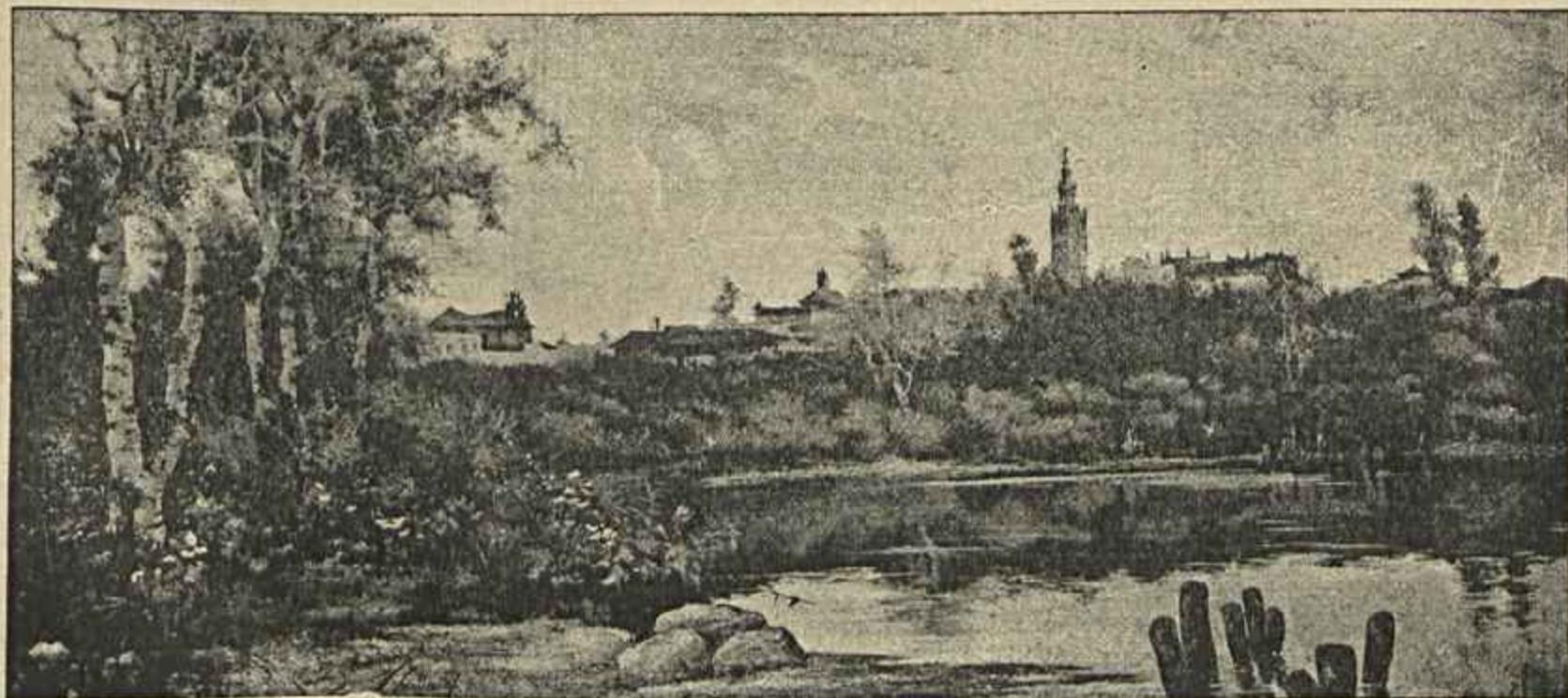
pressionou-nos muito melhor quando o vimos em barro.

Dos outros esculptores apenas fallaremos de Queiroz Ribeiro, que expoz um busto em gesso bem



UMA FRAGATA — QUADRO DO SR. CONDE DE ALMEDINA

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)



MARGENS DO GUADALQUIVIR

Finalmente a sr.^a D. Aurelia de Souza apresenta dois quadros apreciaveis representando flores do campo

Foram cinco os amadores admittidos este anno á exposiçào, sendo d'elles, tres senhoras.

Todos demonstram uma certa vocaçào para a pintura, se bem que em alguns haja uma orientaçào artistica pouco feliz.

Em esculptura é principal expositor Teixeira Lopes.

E' magnificamente modelado o retrato em busto (marmore), de uma senhora ainda nova, encantadora a pequenina cabeça de creança, tambem em marmore, e excellente, pela similhaça e caracterisaçào do typo, o retrato em busto (barro) do sr. dr. João Barreira.

O retrato em busto do sr. conselheiro Correia de Barros, é tambem um trabalho de merito, se bem que achemos a reproducçào em marmore, pouco acabada, sobretudo no que diz respeito ao cabelo e barba. Além d'isso achamos igualmente a pelle da physionomia demasiado aspera, parecendo essa parte do busto, pouco mais do que esboçada, o que não dá bem a impressào da macieza da carne. Este systema de trabalho só o admittimos em bustos ou estatuas collossaes, que tenham de vêr-se a distancia. Finalmente em retrato, im-



UMA TRAGEDIA A' BEIRA MAR --- A CANOA VOAVA LEVEMENTE IMPULSADA POR UM BENO---

feito e de Fernandes de Sá, que exhibiu um retrato em busto (barro), com boas qualidades de desenho e de modelação.

E eis o que foi a exposição, d'este anno, do Atheneu Commercial.

Porto, junho

M. Rodrigues.

Uma tragedia á beira-mar

Em uma noite de esplendido luar de agosto, á sombra dos altos pinheiros que enfloravam as dunas da praia, viam-se dois vultos passeando lentamente, e ora se internavam a perderem-se de vista por entre os acieiros, ora se dirigiam para a praia, onde as cristas das alterosas arvores projectavam sombras moveidas, na alvura da areia finissima.

Na praia estava uma pequena canôa, que o mar principiava a lambem no fluxo e refluxo da maré, mansamente, com humildes ondas rasteiras que desenhavam extensas listas brancas, ligeiramente sinuosas, a todo o cumprimento da praia.

Do oceano vinha uma leve aragem que a custo refrescava a terra, onde o calor abrasava.

Os dois vultos foram aproximando-se da praia, como em busca de refrigerio, e quando a lua os illuminou em cheio, com a sua luz fria e melancolica, ponde-se então reconhecer que eram um homem e uma mulher.

Ella era a filha do conde de..., uma joven de rara belleza, loucamente enamorada do homem que a acompanhava.

Elle era um mancebo elegante mas que não tinha titulos, nem riqueza para offerecer á filha do conde.

O conde de... não via com bons olhos aquelles amores de sua filha. A aristocracia do seu nome era hereditaria na familia, e as cinzas de seus avós podiam estremecer no tumulo se elle deixasse casar sua filha com um simples mortal.

A violencia da paixão do joven oppunha os seus pergaminhos, e quando as lagrimas d'ella lhe chegavam ao seu coração de pae, abafava a voz do sangue com mil caricias e promessas de felicidade, em que os brilhantes e as sedas eram a consolação mais positiva que tinha para lhe dar.

Mas os brilhantes e as sedas já principiavam a não realisar na formosa filha do conde de... A febre lenta e devoradora ia definhando aquelle corpo gentil, e o seu louco amante dominava em todo o seu espirito como se formasse parte do seu ser.

Desterral-o, aborrecel-o, não mais querer vel-o, seria desprender de si a fibra mais sensivel do seu coração, apagar a ultima chamma da sua alma que ainda lhe aquecia a existencia.

Elle correspondia a esta paixão com equal extremo e sentimento. Encontrara a mulher do seu destino, que tinha accendido no seu coração todo o fogo devorador de um amor intenso, e a vida para elle seria um deserto se o não acompanhasse aquella mulher que idealisava no mais apaixonado culto.

Na praia estava uma pequena canôa... e do oceano vinha uma ligeira aragem que a custo refrescava a terra, onde o calor abrasava...

— Ali está mais fresco, disse ella apontando para o mar.

— Temos aqui uma canôa, accudiu elle e lançando-lhe as mãos depressa a poz a nado.

— Ao menos alli poderemos respirar mais á vontade, aqui o calor abafa, suffoca, até faz febre.

— Pois vamos ao mar, a noite está serena e o oceano um crystal.

— Pois vamos.

Quando a canôa vogava levemente impellida por um remo que á pouca não febril movia, uma pequena nuvem negra se levantava no horizonte.

Aquella noite era para os dois amantes o momento mais feliz da sua vida.

As circumstancias tinham-se combinado de modo a permittirem lhes aquella entrevista tão ambicionada, e quando tudo no palacio do conde estava em socego, os dois amantes trocavam entre si os mais ferventes protestos de amor, proximos um do outro, n'uma intimidade amavel só devassada pelo poetico astro da noite.

— E porque não ha de teu pae fazer a tua felicidade... vê quanto serias feliz a meu lado... Este amor que nos enlouquece não é um capri-

cho que o tempo desfaz, é o destino que nos une... Vivemos um para o outro é a suprema aspiração da nossa vida... Um pae que quer destruir toda esta felicidade, não ama sua filha, sacrifica-a aos pergaminhos que não valem um sorriso d'ella, esse sorriso com que me enlouqueces, com que me subjugas, que me faria perder a vida se um dia deixasse de o vêr...

— Meu pae consentirá em nos unir-mos... lançar-me hei a seus pés, implorarei de mãos postas que faça a nossa felicidade, e seremos felizes... muito felizes... e o nosso amor não será uma aspiração irrealisavel, será uma realidade indistricavel...

— E é por essa realidade que o meu coração aneia, que eu soffro e vivo n'esta incerteza cruel, e aqui te juro á luz d'este suave astro que illumina o teu rosto, que só para ti viverei... por ti morrerei.

E o remo da canôa boiava pelo mar fóra levado na corrente, e uma leve nuvem encobria por momentos a clara lua, como tenue veu que lhe velara o rosto, e as mansas aguas agitavam-se levemente impellidas pela aragem mais fresca que vinha do Oceano.

Quando a lua descobriu o seu rosto velado, já os seus raios não tinham a frescura de ha pouco.

Nas faces esbraseadas dos dois amantes sentia-se a febre delirante que os animava, e nada seria capaz n'aquelle momento de os fazer reflectir no perigo que corriam.

No silencio da noite ouviu-se vagamente o som de beijos que se confundiam com o primeiro marulho das aguas, que principiavam a esparguiçar-se em espraizadas ondas.

A ligeira nuvem negra que se erguera no horizonte, tinha-se aproximado rapidamente, e com o seu manto de crepe envolvido todo o quadro em escuridão profunda.

A fresca aragem que vinha do Oceano transformara-se em vento rijo, e o Oceano de crystal erguia as suas altivas ondas.

Ouviram-se dois gritos afflictivos no meio d'essas ondas, e nem já á luz da lua se poderia vêr a pequena canôa que se debatia no mar.

Na madrugada do dia seguinte, grande quantidade de gente se apinhava na praia, e o Conde de... desviado, louco de dôr e de remorsos, sustinha em seus braços um cadaver que o mar arrajara á praia.

Era o cadaver de sua filha.

A pouca distancia, estendido na areia, estava o cadaver do louco amante.

As cinzas dos avós do Conde de... não teriam estremecido no tumulo. Os seus pergaminhos ficariam assim intactos!

Caetano Alberto.

DIABRURAS, SANTIDADES E PROPHECIAS

FADAS, FEITICEIRAS E BRUXAS

(Continuado do n.º 568)

Dizem que as feiticeiras e as bruxas são mulheres captivas pelas mercês e encantos do diabo, a quem se entregam em corpo e alma em troca do poder malefico; e, segundo a opinião dos antigos e modernos magicos o demo prefere sempre as novas e ladinas por mais aptas para seducções. Os mortaes partilham a mesma opinião.

As corypneas, entradas na abominavel homenagem ao demonio, renegam o seu Deus e são logo entregues, cada uma ao seu diabrete, que á laia de cicerone se encarrega de lhe fazer untar a pelle com um oleo especial, guiando-as a deshoras por ares e ventos, por cima de toda a folha, a cavallo na vassoura, aos grandes congressos, onde vão juntar-se e invocar em gritos desentoados, semelhantes ao grasnar dos corvos, o genio do mal pelos nomes de Gob, Giver, Simeal, Maimont, etc.

A velocidade com que viajam n'essas noites é igual á do relampago. As reuniões ordinarias, dizem são á meia noite das sextas feiras, em certas encruzilhadas, ou nas margens dos rios onde se costumam banhar. Abi tem logar a orgia do sabbat, com danças phantasticas e canticos soturnos, terminando o pandemonio peia ceia distribuida pelo diabo de cauda recurva, sendo o guizado fa-

vorito composto de sapos, cobras e aranhas, temperado com sangue de ratos e de cão macho.

Contam os que teem avistado de longe esta teatrica festa que entre sombras mysteriosas se nota o luzir dos pyrilampes, produzindo o panorama uma tremura assustadora com um arrepio que chega á medula dos ossos.

Nos conciliabulos solemnes o monarcha infernal apparece sempre com o estrondo do trovão, radiante de fogo, cercado de signos cabalisticos, de serpentes enroscadas, de mochos, de morcegos e de outros animalejos das cavernas; mas a figura é de homem cornigero, variando ás vezes em cão, gato preto, bode vermelho, etc. Nestas assembléas são marcadas as novas proselytas com as garras do demonio protector, e ellas, em signal de reconhecimento e submissão, osculam-n'o no coccyx, recebendo n'essa cerimonia os novellos fiados do pello de bode e dobados pela esposa ou mãe do diabo. Os novellos são maiores ou menores conforme a consideração em que são tidas, e n'elles reside essencialmente a força e o poderio das feiticeiras, que soffrem grandes torturas, quando estão para morrer, se não encontram pessoa a quem os possam legar, ficando a herdeira com o direito de preferencia ao logar vago na legião diabolica.

Filiadas no satanico comitê, espalham se com o livro dos esconjuro, pelo mundo a fazer enguichos e arrelias ao genero humano, á ordem do patrono ou por conta propria.

Os mais acreditados escriptores antigos, consultados sobre estes assumptos, são concordes em afiançarem que as mofinas preferem nos sortilegios as creanças, de quem extrahem os engredientes e d'onde preparam os oleos para se untarem quando voam de noite. Além d'isso o sangue juvenil e outros liquidos que d'ellas sugam, conservam lhes, e até mesmo lhes restituem a mocidade, no caso de passarem de vinte e cinco annos. Será este o elixir de longa vida de Cagliostro ou o que Mephistopheles applicou ao velho Fausto para lhe restituir a juventude?

Brown Séquard parece ter ultimamente descoberto este especifico ou outro de identicos effeitos, e ufano apreguou *urbi et orbi* o rejuvenescimento humano, pela injeccões hypodermicas com liquidos organicos. A sciencia procede a experiencias.

O anno passado em Barcelona dois medicos, depois de aturados estudos n um laboratorio da rua de S. Pausiano tambem suppõem ter conseguido uma limpha, a que pozeram o nome de *Karaphantiton*, do Chaldaico, que significa vitalidade permanente, a qual injectada pela epyderme não remoeça mas conserva a mocidade, retarda a velhice, etc.

A restituição da mocidade por mercê satanica tem feito entrar milhares de velhas na feiticearia, obrigando o diabo, para atalhar tão grande mal, que lhe enfraquecia o poderio, a limitar o numero, e nas vagas a abrir concursos, onde escolhe sempre as mais bonitas e recommendadas.

Asseveram alguns theologos que as bruxas ou feiticeiras para porem em pratica os seus maleficios tomam diversas fórmas, geralmente as que mais podem seduzir os incautos peccadores desarmados contra o poder do demo, abusando assim da fraqueza da carne.

Se as malditas encontram algum menino são e escorreito, que não tenha buraquinho por onde o possam chupar, empregam, emquanto o diabo esfrega um olho, o poder fascinador, dando o *mau olhado* e produzem o quebranto e n'este caso precisam sempre ajuda diabolica. Diz S. Thomaz — *horrendum fascinus*, e Virgilio — *Nescio quis teneros oculos mihi fascinat agnos*.¹

É crença popular que ao encontrar qualquer mulher suspeita de feiticeira, fitando com pertinacia, o cuspir logo fóra é perservativo infalivel contra o *mau olhado*.

Conta o dr. Braz, no seu *Portugal Medico*,² que o insigne Hieronimo conheceu um individuo com taes e tão pestilentas qualidades na vista, que facilmente com um só olhar matava os homens, os brutos e as aves, murchava as flores, consumia os fructos, seccava as arvores e (como se ainda isto não bastasse) consumia o mundo!

Quem fór mais exigente sobre este phenomeno leia Manuel Teixeira de Azevedo, que tratou magistralmente da *fascinação, olhado ou quebranto, e que é enfermidade mortal, não só para os meninos, mas tambem para os de maior idade com todos os signaes para se conhecer, e os mais experimentados e selectos remedios para se curar*.

As feiticeiras levam muito longe as suas cruel-

¹ Eclia 3.
² Pag. 625.

dades pelas suggestões do diabo no seu *intestino* odio. Chegam a fazer bonequinhos de cera, barro ou trapo, figurando a pessoa que pretendem martyrisar, e, conforme a aversão que lhes teem, com instrumento, quasi sempre agulhas e alfinetes, vão picando o coração, os olhos, os rins e outras partes do boneco, invocando sempre o demonio. A proporção que se produzem as espetadelas, a misera creatura, que é assim representada, vai logo sentindo nas partes correspondentes ao seu corpo, dores atrocissimas. Os medicos capitulam isto de rheumatismo gottoso e nervosismo e mandam os enfermos para as Caldas. D'estas figuras symbolicas fala tambem o nosso Zacuto.³ Em França foram justicados dois feiticeiros que tentaram matar o rei Carlos IX e Henrique de Guise, espicando os bonecos que os representavam!

Dizem os chronistas que muitos imperadores, reis e grandes personagens teem sido victimas de tão infernal diabrura. Succedeu o mesmo a um summo pontifice; mas descoberta a feiticeira foi esfolada viva e, depois de morta, cortada em pedacos para pasto dos cães!

Pelo processo das picadas o martyrio é sempre longo; mas se as bruxas quiserem acabar de vez com o paciente basta a mais velha desenrolar um novello e a outra cortar o fio, ou ainda mais sumario, atirar o bonequinho para a caldeira de Pedro Botelho.

Ultimamente o coronel Rochas d'Aiglun, na Escola Polytechnica de Paris, por uma serie de experiencias de hypnotismo, dizem que mostrou a possibilidade de produzir dores n'um individuo hypnotizado, por picadas na sua photographia, ou n'uma estatueta que o represente.

Em Milão um grupo de homens de sciencia fizeram varias investigações sobre os phenomenos medianimicos do espiritismo, convidados por Mr Ercole Chiajia, cavalheiro independente pela sua posição e fortuna.

A média foi uma napolitana, casada, de profissão engomadeira, que se prestou com difficuldade, e que sempre se recusara a apresentar-se em sessões publicas. Parte dos investigadores desconfiavam que os phenomenos eram produzidos artificialmente, por não terem explicação possível, contudo alguns factos abalaram as suas consciencias. Fizeram 17 sessões em casa de Mr. Finzi, Via Monte di Pietà, que duraram 3 horas, das 9 ás 12 da noite, e os resultados, apesar de se manifestarem alguns maravilhosos, nem sempre corresponderam ao que se esperava, principalmente quando se exigiam modificações para variar as experiencias, que, ou não foram accoitas pela média, ou sendo-o pouco ou nada provaram, fazendo diminuir consideravelmente o interesse dos prodigiosos phenomenos, e augmentar o numero dos incredulos.

Neste mundo, chamado pelos choramingas valle de lagrimas, a humanidade anda exposta a immensos perigos de bruxedos; mas, conhecidos elles, facilmente se evitam ou se remedeiam. E' preciso saber o que a liturgia ensina para fustigar o diabo e os seus emissarios, e por isso tornamos a recomendar o citado livrinho do padre Brognolo, traduzido pelo Fr. José de Jesus Maria.

A crença popular confia muito nas virtudes dos bentinhos, relicarios, cruces, *agnus dei* e outros preservativos aconselhados pela igreja, e que tanto arrelivam o espirito das trevas.

O charlatanismo tem especulado e especula com os innocentes, pendurando-lhes ao pescoço varios amuletos (*amuletum*), pequenos objectos a que a superstição attribue, desde as epochas mais remotas, o condão de livrarem de enfermidades, maleficios satanicos e de outros perigos, como são a pedra de bezoar, um alho encapsulado em paninho, o crescente, o signo de Salomão, a figa, o dente de porco, a cauda do lobo, etc.

Nos amuletos dá-se o *pactum implicitum*, havendo-os para certas especialidades. Assim, o dente do lobo ou do cão, encastado ou furado dentro do pescoço, é preservativo da dor de dentes; a mão esquerda da toupeira, e as pequeninas moedas de prata livram da influencia das luas e do quebranto. O aipo, a noz de tres quinas, a unha do leão, a pedra de ara e outros muitos objectos, são egualmente considerados amuletos.

As pedras preciosas tambem se tem attribuido virtudes, tanto curativas, como preservativas, sobresahindo a esmeralda que, pendurada ao pescoço, prolongava a vida e isentava de sustos. Posta sobre a coxa de uma parturiente facilitava a sahida do feto, conservava a castidade, denunciava o adulterio, tornava eloquentes os oradores, destruía os effeitos das mordeduras venenosas, etc.

A igreja debalde tem condemnado, até com a

excomunhão, estas embustiças, mas com pouco resultado: o povo persiste e como attenuante mistura os amuletos com os symbolos do christianismo.

Não tem sido só a igreja a combater taes superstições, quasi toda a nossa legislação civil condemna as feiticeiras e benzedoras, impondo penas rogorosas aos que as praticarem. As ordenações de D. Manuel accrescentam ainda mais as penas, e citam varios costumes muito destoantes da actual civilização, como já dissemos.

(Continúa)

A. C. Teixeira d'Aragão.



REVISTA POLITICA

Por muito importantes que fossem os casos da politica interna d'estes ultimos dias, não poderíamos deixar de abrir um parenthesis n'esta revista para nos referirmos ao monstruoso attentado que acaba de se praticar em Lyon contra a vida do presidente da Republica Franceza, roubando á França o seu primeiro magistrado.

É da mais alta importancia politica este facto extraordinario, que interessa todo o mundo civilizado, e não sabemos se até causaria espanto entre os povos selvagens, se lá chegasse a sua noticia.

As manifestações anarchistas iniciadas ha 13 annos na Russia, com o attentado contra o imperador Alexandre II, tem vindo successivamente alastrando-se pela Europa e ora visando a vida dos chefes do Estado, ora dirigindo-se contra os altos funcionarios, já chegaram ao proprio povo, procurando os logares onde mais se reúne, para ahí lançar a morte entre gente despreocupada e inerme, que se julga ao abrigo de alguém tentar contra a sua vida, por motivos politicos.

Nas salas de espectáculo, nas igrejas, nos botequins, nas praças publicas, onde esteja gente, mulheres ou homens, velhos ou creanças, validos ou invalidos, nada se respeita e a furia é a mesma. Morte ao burguez, é este o grito de guerra, mas um grito surdo, uma morte traiçoeira, em que o assassino procede sem querer ser visto, sem a coragem de defrontar com as suas victimas inermes, peior que as feras, uma perfeita loucura, uma enfermidade mais perigosa do que a raiva, contra a qual não ha Pasteurs possíveis que lhe descubram remedio.

Não ha. O mal é de origem, vem da educação, e os que lançaram a semente á terra, não os deve surpreender os fructos da sua sementeira.

Se nos fallarem das grandes misérias de hoje, que produzem estes desesperos, é illusorio esse agumento, porque misérias ha desde que o mundo é mundo, e desesperados de 20 annos só podem ser aquelles que não tem crenças nem fé.

E é a falta d'essas crenças e d'essa fé que produz estes cynicos imberbes, a quem disseram que não havia Deus, nem depois uma vida melhor do que esta para os que soffrem no mundo.

Se a moderna philosophia tem creado os livres pensadores, para combaterem os males que attribuem ás doutrinas que pregam a esperança, a resignação, a fé, a caridade, a obediencia, a conformidade, todas essas regras e preceitos com que se organisam as sociedades, deve estar satisfeita com os resultados obtidos ao vêr como se vão desorganizando essas sociedades que tantos seculos tem levado a constituir.

A obra é meritória. Principiou em França no fim do seculo passado. Foi minando, minando, e chegados ao fim d'este seculo, amamentada com carinho por mil theorias estapafurdias que n'este decorrer d'annos se tem lançado aos ventos da publicidade, cuidando só da instrucção sem cuidar da educação, conseguiu dar esses rebentos que se chamam anarchistas, de uma philosophia tão transcendente que negam as leis mais naturaes, principiando pelo desprezo da propria vida no suicidio, quando uns restos de respeito pela vida dos outros, os não leva ao assassinio.

Pois que, essa aluvião de suicidios que se praticam por esse mundo, não serão outros tantos anarchistas, que sem fé, sem creanças, desesperados, vengam-se em si por não terem a maldade innata para se vingarem nos outros?

Todos esses desesperados, os que se vingam em si proprios e os que se vingam nos outros, não tem culpa de se encontrarem n'esse deploravel estado. Roubaram-lhe as creanças de que precisavam para viver, desde o berço, e não lhe deram nada em troca porque nada lhe podiam dar.

Ermos dos bens espirituaes, ermos dos bens materiaes, o que querem que façam?

Agora é o bom Carnot que vai juntar-se ao já

consideravel numero das victimas. A'manhã quem será ?!

Fechemos este parenthesis que vai longo e voltamos á politica caseira d'esta pequena familia que vive aqui no extremo occidental da Europa.

No momento em que escrevemos estas linhas chega nos o *Diario do Governo* com os decretos sobre a cobrança dos impostos para o anno de 1894-1895 e distribuição da despeza pelo ultimo orçamento approved em camaras do anno passado.

São estes decretos precedidos de um relatório (formula obrigada agora a todos os decretos) em que se relata o estado da fazenda publica, que segundo o mesmo relatório e os mappas que d'elle fazem parte, não é tão feio como se tem para ahí dito.

Na rapida leitura que fizemos, não podemos aventar a nossa opinião sobre tão melindroso assumpto, mas se os calculos não erram, não podemos deixar de notar que o deficit provavel do anno economico que findou será apenas de mil e quinhentos contos.

D'este modo não será para admirar se dentro em breve se conseguir matar o monstro que ha tantos annos anda a engordar.

Como este é o ponto capital para a vida economica da nação, e é o que mais importa saber a todos que não partilham da politiquice da terra, por isso aqui lhe damos a noticia, como uma boa nova que oxalá se converta n'uma realidade.

João Verdades.

NECROLOGIA

VICTOR BASTOS

Não são numerosas as fileiras dos artistas nacionaes, e a morte, inexoravel, não cessa de as rarear. Depois de Soares dos Reis, Silva Porto, agora Victor Bastos. E prefere os primeiros, as cabeças mais altas, essa inimiga implacavel, como se soubesse que é na *élite*, no estado maior da civilização, que estas lacunas são mais difficeis de preencher. Quando gosamos um sol esplendido, quem nos garante, na sua aurora, o que será o dia de amanhã?

Antonio Victor Figueiredo de Bastos ia fazer sessenta annos; não era, portanto, um novo pertencera ao grupo dos academicos que frequentaram á noite, o antigo Marrare do Chiado. Alli o conhecemos com Annuniação, Metrass, Tomazini, Chritino, Marques, Souza, Marciano da Silva, Rosa senior, tambem um dos assíduos, e outros menos illustres; que então era aquelle o ponto de reunião dos que de dia se encontravam nos *ateliers* da Academia das Bellas Artes. Aquelle *Marrare* foi Academia de Sciencias, foi gremio litterario, foi centro politico, foi *club* elegante, n'uma palavra, occupou na vida portugueza, um lugar unico, e passou da vida para a historia quasi como uma instituição social! Terá um dia a sua monographia: merecê-a. Foi unico. Não teve antepassados, não deixou descendentes.

Victor Bastos era então um moço elegante e bem posto; physionomia peninsular, trigueiro, o cabelo preto, comprido, á moda d'então, vestindo bem, correcto e apurado como um *gentleman*. Na sua postura aprumada e séria não havia nada do desalinho, do pittoresco de uns certos *poseurs* que parece, fazem consistir nisso todo o seu talento: coisa alguma no seu exterior denunciava o artista.

Nas aulas da Academia estudou primeiro a pintura, e ali expoz, em 1852, um quadro *Amor e Psyche*. D'essa época mostrou-me, um dia, alguns trabalhos, que já prometiam um artista distincto n'essa especialidade, mas depois, depondo os pinceis para sempre, dedicou-se exclusivamente a esculptura, e é n'esta que illustrou o seu nome. Um dos seus primeiros trabalhos, apresentados na Exposição da Academia em 1856, e que pelas suas qualidades chamou sobre elle a attenção, como uma manifestação de talento, foi um baixo relevo altamente dramatico, inspirado por um flagello, que assolara Lisboa, e deixara em todos os animos terriveis recordações — o *Cholera*. Comprou-lhe o El-Rei D. Luiz.

Vagava então na Academia um lugar de professor de esculptura, e o nome do artista^o que tão brilhantemente se revelara, era indicado^o como o do futuro successor de Araujo Cerqueira^o, o mestre fallecido. Todavia não faltaram os pretendentes; os principaes eram Bordallo Pinheiro pae e Caggiani, e o lugar foi muito disputado. Havia então um certo calor nas regiões da arte, e era raro o concurso sem intrigas academicas, polemicas nos jornaes, conflictos e pugilatos nos botequins. No certamen, que teve dois actos, ficou Victor Bas-

³ De *praxi Medica Observ.*, liv. III, pag. 189.

tos vencedor. Os temas dados eram a estatua de *Mousés e Adonis partindo para a caça do javali*.

Erão moda então, no corpo docente da Academia, estes programmas apparatusos e... comprometedores, e o muito respeito pelo nome famoso de Miguel Angelo fazia com que se esquecessem das obras do Mestre, e do perigo dos confrontos! Todavia se os manes do grande florentino não velaram a face, despeitados com os primores da estatuaria dos concorrentes, é certo que o nosso artista confirmou n'elle as esperanças que inspirara, e a sua estatua, pela expressão elevada e activa, pelo conjunto das linhas geraes e pelo valor dos pormenores, n'uma palavra, na concepção e na execução, distanciou o das obras dos seus rivales de modo a dar-lhe uma indisputavel primazia. O jury academico assim o pensou tambem, votando-o em primeiro lugar. Victor Bastos foi nomeado professor substituto da aula de escultura, por decreto de 27 de setembro de 1860, passando a effectivo por decreto de 23 de junho de 1881.



VICTOR BASTOS

FALLECIDO EM 17 DE JUNHO DE 1894

Assim posto em evidencia o seu talento, por esta confirmação official, em breve teve occasiões de o manifestar em novas e successivas obras, de que foi encarregado. Citaremos, entre outras, os seus magnificos bustos de Rodrigo da Fonseca Magalhães, o celebre politico, do grande diplomata duque de Palmella, de Rosa, o eminente actor.

Mas são raras as grandes emprezas artisticas entre nós na pintura, e na escultura; o paiz é pequeno e o thesoiro não é grande... para estas coisas. Quando se dá algum d'esses factos—*rara avis*—quando se trata de elevar algum monumento, pode-se dizer que todos estão desaparecidos, ninguém está preparado convenientemente para a tarefa; não ha escola, falta a tradição. Não ha ponteadores, não ha canteiros especiaes, havendo os aliás excellentes para outros trabalhos, não ha individuos com pratica bastante em quem se delegue a direcção das obras menores, e o artista—o empreiteiro—tem elle de ser tudo, de se multiplicar, concebendo, dirigindo e executando—a um tempo escultor, canteiro, ponteador, carpinteiro, pedreiro, e fundidor! O, que não falta porém, são os obstaculos de toda a ordem, e depois, por parte do publico, uma hostilidade fria e desdenhosa n'uns, e n'outros uma critica absoluta, das de levar coiro e cabelo, caindo sobre o pobre artista, como se estivessemos em Pariz, na capital das artes, onde o estado e os particulares gastam, annualmente, milhões com as escolas, com os museus e com os artistas! E' para que não se diga que em tudo isto não ha nada parisiense!

A estatuaria monumental é, de todos os generos de escultura, a mais complicada e difficil, é uma arte complexa. Reunião de duas artes— a architectura e a escultura— a composição d'um monumento— na harmonia e combinação das suas partes, para constituirem um todo homoganeo e bem ligado, e na determinação das suas proporções e formas, em relação ao lugar onde tem de ser erigido— offerece difficuldades serias e de não facil resolução. Conhecem-as bem só os que o tem tentado. É boa lição ouvi-los então fallar. Essas glorias, que tantos lhes invejam, bem caro lhes custaram!

Na Europa moderna, onde elles abundam, são raros os monumentos que mereçam, sem discussão, os epithetos de bellos e grandiosos. Teve os e tem os ainda a Grecia e Roma, mas as circumstancias especiaes da civilização d'esses povos não se reproduzem por um acto simples da nossa vontade e conforme os nossos desejos. Falta-nos muito para isso, e falta, principalmente, ao gosto publico, a educação pela contemplação e frequencia das obras d'arte.

O monumento de Camões é a obra principal de Victor Bastos, é o seu maior commettimento nos dominios da estatuaria. Da nos a medida do seu talento, e mostra-nos, com as suas qualidades e defeitos, os merecimentos do artista e os vicios e lacunas da nossa educação n'aquelle tempo. E diz nos mais do que a primeira vista parece, aquella obra. Encarando a sociedade que o rodeava, vemos que uma commissão, composta de tudo o que havia de mais grado e doirado nas classes dirigentes, achou boa e propria aquella praça, pequena e em plano inclinado em duas direcções, sem linhas architectonicas, e n'um bairro posterior á vida do poeta, para n'ella levantar, com o mármore e o bronze eterno, e uma gradesinha á roda, o monumento ao cantor immortal das nossas glorias!

O artista protestou, naturalmente, contra a escolha de tão improprio local, mas foi vencido, e o monumento lá está.

São tambem de Victor Bastos as estatuas de José Estevão, no Largo das Côrtes, de D. Pedro V, no asylo dos Cegos em Castello de Vide, e as estatuas decorativas lateraes, no grande arco da rua Augusta. Entre os seus primeiros trabalhos figuram os medalhões retratos dos condes de Mello e de suas filhas, e em 1867 enviou á Exposição de Pariz um formoso baixo relevo— *A degolação dos innocentes*, indo elle tambem alli n'essa occasião. Victor Bastos trabalhava ultimamente n'um busto do nosso grande escriptor— que foi tambem um amador das artes— Damião de Goes.

Apesar da doença, que o trazia um pouco alquebrado, o distincto artista não abandonou as suas funcções na Escola de Bellas-Artes, e conservou até ao fim a mesma energia e virilidade de espirito que o caracterisava, o mesmo caloroso interesse por todos os assumptos, tanto sociaes como artisticos, que dissessem respeito ás grandezas e glorias da nossa terra. No concurso para o monumento a Affonso de Albuquerque, foi Victor Bastos um dos membros da commissão que mais serviços prestou, com o seu zelo e com o seu auctorisado conselho.

A perda d'um artista de valor e d'um caracter integro, como era o de Victor Bastos, é muito sensivel, e o conselho academico fez justiça ás qualidades do seu collega, exarando no livro das actas um voto de profundo sentimento, depondo uma corôa no feretro, e nomeando, para o acompanhar ao cemiterio, os srs. Monteiro, Nunes Junior, Gaspar, Ferreira Chaves, Alberto Nunes, e Prieto.

Zacharias d'Aça.



VISCONDE DE RIO VEZ

FALLECIDO EM 14 DE JUNHO DE 1894

O sr. Visconde de Rio Vez, que falleceu no dia 14 do mez findo, foi um cidadão prestante, que, pelo seu trabalho e intelligencia, conquistou uma posição distincta no commercio e os titulos honrosos com que morreu, depois de uma vida laboriosa e cheia de serviços ao seu paiz natal e á colonia portugueza, no Rio de Janeiro, de que foi um dos seus mais valiosos membros.

Boaventura Gonçalves Roque, era o seu nome, nasceu na freguezia de S. João Baptista de Sistelto, a 22 de abril de 1822.

Aos 20 annos foi para o Brazil dedicar-se á carreira commercial e pela sua applicação ao traba-

lho auxiliado pela sua natural intelligencia, conseguiu fazer fortuna e tornar-se distincto entre a colonia portugueza, cooperando valiosamente em todas as sociedades e institutos portuguezes no Rio de Janeiro, quer nos estabelecimentos de caridade quer nos de instrucção.

Sempre que algum acontecimento da patria reclamava o auxilio dos seus filhos dispersos pelo Brazil, o sr. Visconde de Rio Vez era o primeiro a correr ao apelo e a animar com o seu exemplo e com a sua influencia as grandes subscrições, ou as manifestações de patriotismo nunca desmentido dos nossos irmãos de alem-mar.

Regressando á patria ha cerca de uns 15 annos, continuou aqui a sua obra meritoria, sendo um dos fundadores dos Albergues Nocturnos, instituição de que El-Rei D. Luiz foi o iniciador.

Soubes fazer bom uso da sua fortuna beneficiando a terra da sua naturalidade, como poucos filhos d'ella o terão feito.

Fundou alli uma escola de instrucção primaria, promoveu e auxiliou com a sua bolsa varios melhoramentos municipaes e outras obras de interesse publico.

O seu nome era dos mais respeitados no commercio portuguez, o que lhe valeu o ser presidente honorario da Associação Commercial do Porto.

O sr. Visconde de Rio Vez era tambem fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Cavalleiro da Ordem da Rosa do Brazil e commendador da mesma ordem, assim como da ordem de Christo.

Todas estas honras eram bem cabidas em quem foi tão prestante cidadão.



BARÃO DE SALGADO ZENHA

FALLECIDO NO RIO DE JANEIRO EM JUNHO DE 1894

Um telegramma do Rio de Janeiro datado de 24 do mez passado, trouxe a triste noticia da morte do sr. Barão de Salgado Zenha, membro dos mais distinctos da colonia portugueza, no Brazil.

O sr. Manoel Salgado Zenha, barão de Salgado Zenha era natural de Braga e contava 57 annos de idade, tendo dedicado toda a sua vida á carreira commercial, onde alcançou logar proeminente. Foi socio da firma João José dos Reis & C.ª depois conde de S. Salvador de Matosinhos.

Dotado de intelligencia pouco vulgar, e de grande actividade, fez parte de varias firmas commerciaes do Rio de Janeiro e assim o encontramos socio da firma Hime Zenha & Salgado a que succedeu Zenha & Silveira, todas de notavel importancia commercial.

Foi importante tambem o seu concurso na fundação de institutos portuguezes, companhias e bancos do Rio de Janeiro, tendo-se dedicado ha annos a esta parte aos negocios bancarios, e sendo na occasião da sua morte, presidente do Banco Nacional Brasileiro.

O sr. barão de Salgado Zenha, contava voltar a Portugal em breves dias, para o que já tinha tomado passagem no vapor *La Plata* que devia sair do Rio no dia 10 d'este mez quando a morte o accommetteu tão inesperadamente.

Além do titulo com que o governo portuguez o distinguiu era tambem official da Rosa do Brazil, commendador de Nossa Senhora da Conceição de Portugal e grã cruz da mesma ordem,

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43